

CAPÍTULO I

O ROUXINOL

A margem esquerda dos rios não apetece tanto, seja porque o sol a procura em horas mais solitárias, seja porque a povoa gente mais tristonha e descendente de homiziados e descontentes do mundo e das suas leis. A região demarcada do Douro, que ocupa quase na sua totalidade a margem direita, prova pelo menos que o reflexo solar tem efeito no negócio dos homens e lhes determina a morada.

Porém, há na curva que apascenta o rio pelo rechão areento, ao sair da Régua, um vale ribeiro de produção ainda privilegiada de vinhos de cheiro e que se estende, rumo à cidade de Lamego, comarca a que pertence, até às águas medicinais de Cambres. É o vale de Abraão, com suas quintas e lugares de sombra que parecem acentuar a memória dum trânsito mourisco que de Granada trazia as mercadorias do Oriente e, porventura, os gostos de pomares de citrinos e os vergéis de puro remanso. Almançor teve residência em Lamego e escreveu aí a história da campanha com os seus aliados, os condes moçárabes. Talvez por isso, porque corre um fio de tinta desde a fronteira duriana até às águas do Tedo e do Távora, os poetas e os letrados obstinados produzem as suas obras naquele território que, antes do trato da Índia, conheceu verdadeiro esplendor agrícola e têxtil.

No século XIII, o rio Paiva servia de limite sul à tenência de Lamego e lá vivia, cerca de S. Pedro de Castro-Daire, um físico engenheiro e curador de fleumões malignos chamado Abraão de Paiva. Apanhado em maus lençóis com uma dona de Moimenta, que abortou

em condições desastrosas, ele deu-se ao cuidado de descer a ribeira do Balsemão e ir cair em lugar recatado como convinha à sua sina ofuscada. O vale de Abraão passou a ter nome no mapa, ainda que fechado à curiosidade dos topógrafos. Com o Liberalismo, Lamego não cessou a sua inclinação absolutista, até que o movimento Setembrista acabou com as suas pretensões no domínio político e eclesiástico; ficou reduzida a uma cidade estagnada, onde os parques e os monumentos condescendem em recordar o passado episcopal.

O que aconteceu ao físico Abraão de Paiva não se pode supor, excepto que enriqueceu e morreu de febres, deixando um saquítel de peças de ouro e um gabinete de experiências; não com ratos e porcos da Índia, mas com a famosa massa de vinhos de Riba Douro. O estudo da Medicina fez-se tradição de família, e em 1910, data da República, vamos encontrar um doutor Paiva casado com Maria Coelho, do Portelo de Cambres, que era senhora de bens e que tinha nas fragas de Santos de Deus uns pardieiros com restos de pedra de armas. As mulheres dos Paivas eram, por atributo de sangue e linhagem, muito convencidas do seu génio em negócios e vontade de poder e afirmação. Desde tempos remotos que carregavam o sobrenome de Paivoas.

Maria Coelho teve um neto, pachorrento e dado a letras menores, que ela quis fazer vinhateiro e produtor de vinhos de feitoria. Não teve muito êxito com o plano, e Carlos Paiva estudou Medicina no Porto. Era um rapaz sonso, bonitão, de alta estatura. Casou com uma viúva e ficou ancorado em Vale Abraão, fazendo uma clínica modestíssima e comendo requeijão e cavacas. Era guloso da mesa; do leito, não sabia, que a mulher tinha os pés frios e o coração enroupado em flanelas. Os Paivas gostavam de mulheres maduras, de pele branca e propensão matriarca. Houve um Araújo de Paiva que casara em Paris com uma judia russa que foi informadora de Bismarck. A biografia dele não ia além disto, mas Carlos chamava-lhe, com respeito, «o meu tio banqueiro».

No que Carlos de Paiva se distinguiu foi em ser monitor de mulheres um pouco solitárias de maridos vadios e que elas corriam dos braços com o pretexto de achaques que iam até à histerectomia pura e simples. Ele falava-lhes de livros e deixava-as crer que eram poetisas duns versos coxos em que ele efectuava uma ortopedia de rimas

óbvias. Um dia Carlos Paiva foi a Lamego por altura das festas dos Remédios e deu com um homem de bons modos, com a filha de quinze anos, a comer uma cambulhada de enguias num restaurante da praça. Reparou na menina, que estava vestida de luto e que tinha tranças. Dos torcidos de cabelo escapavam-se uns anéis lustrosos e na nuca enrolavam-se mais anéis, que pareciam azuis na luz fulgurante da tarde. Era tão formosa que Carlos deu em atarantar-se, oferecendo-lhe um prato de figos que lhe serviam à mesa.

— São pingo-de-mel e frescos, colhidos de manhã, da figueira.

Ema recusou com tanto brio, que o pai intercedeu por Carlos. Quis remediar os modos da filha e tornou-se bom conversador.

Quando Carlos se apresentou como médico e agricultor, a alma do velho iluminou-se; contou-lhe as doenças passadas como quem conta a viagem da Nau Catrineta. Sobre a mulher falou pouco. Era remota a viuvez, mas sentira a falta da bonita esposa, que era de Loureiro.

— Tenho um tio na Penajóia, em Estremadouro — disse Carlos. O calor fazia-o arfar; havia uma ventoinha, e os cabelos dele voavam nas fontes. Ema reparou que ele tinha algumas brancas.

De Estremadouro saíram com um parentesco que os aproximou mais. O velho deu-lhe o endereço, no Romesal; era a margem direita do Douro, uma quinta mediana, com jardim sobre a estrada. Paulino Cardeano convidou Carlos e disse que se estivesse doente o chamava.

— Má sina a dos doutores, que só são bem-vindos para purga e sangria — disse Carlos, a rir-se. Ema achou-o parvo; ninguém mais se purgava para aliviar os humores e, muito menos, lancetava as veias. Mas depois percebeu que ele falava com arte e varonil graça. Não o viu mais, nem pensou nele nunca. Tinha a imaginação dos quinze anos, que não cuida do presente senão para o julgar importuno e contrário às ilusões que são mais preciosas do que as promessas da vida real.

Carlos Paiva voltou para casa, a mulher estava a lavar os pés, que tinha um impetigo nos dedos e aplicava-lhes pós amarelos e pouco cheirosos. Era sombria, ralhava alto, vestia-se mal. De repente Carlos Paiva deu conta disso tudo e tornou-se manso e amável com ela. Deu-lhe razão em tudo, ela desconfiou, pôs-se a espíá-lo. «Viu alguém» — pensou, com uma lucidez de condenado à morte. Mas

Carlos não lhe deu ocasião a mais reparos. O tempo passou e não aconteceu mais nada. Sabe-se lá quando o coração esfria ou ganha carvão para manter o calor! Carlos de Paiva viu-se um dia a sair do seu carrinho sujo e que cheirava a álcool canforado, a perguntar pelo Romesal a dois moços que desciam pela estrada.

— Depois da curva, mas vá com cuidado.

Riram-se alto e foram pelo caminho abaixo, rasteirando-se um ao outro. Carlos pensou que eram amadores de futebol, havia um campo ao lado, com redes desmanteladas. Avistava-se a nobre vastidão das montanhas, o cálice do rio ao fundo, a mata sombria e pesarosa sombreando a estrada. Era um lugar de delícias mas com algo de tenebroso, rompendo dum passado de solidão inveterada. O século XVIII povoara-o de vinhedos, havia ainda o solar e o casão de quinta, com a capela e a escada de alpendre e colonata. Mas o mais eram pequenas casas de telhados caiados, como neves aparecendo sobre o roçar verde dos laranjais. O proprietário de módicos rendimentos, às vezes saído da faixa militar, ou o negociante de panos, ou o clérigo com filhos e cães de caça; ou o consignatário de companhias inglesas, era o que mais havia. Sempre endividado, sempre com hipotecas a vencer, sempre lutando com o aumento dos salários e dos adubos, sempre abatido pelo preço dos vinhos, o lavrador do Douro era um colosso de persistência, de afinação com o destino, de segura empresarial. Ainda tinha um vislumbre poético para plantar um cipreste ao canto do jardim, que via crescer, apontando-lhe o espaço como uma bala negra e moldada ao sabor dos séculos. Esperava pacientemente um ano bom para casar as filhas e refazer o telhado. Era dado a extravagâncias, comprava um pónei para as crianças, e uma peliça para ele próprio. Gastava, quando tinha; quando não tinha, era arrogante e frequentava as mulheres com uma sensualidade catastrófica. Carlos sentiu no ar o cheiro da queimada, ardiavam nas vinhas as vides da poda que dantes serviam de combustível nas lareiras. Agora era caro transportá-las e ardiavam mal, carregadas de água. Um fumo branco e enrolado agachava-se como uma oferta mal aceite por Jeová.

Não soube que dizer quando Paulino Cardeano o mandou subir. Estava enroupado numa velha samarra, e não havia aquecimento na sala.

— Que surpresa! Mas que surpresa! E eu que tenho andado esquisito... Tenho umas ouras e formigueiro nas mãos...

Carlos ofereceu-se para o medicar. Mas o que o trazia, disse, era a procura dum vinho fino para oferecer; uma coisa garantida, de adega particular.

— Não tenho, mas pode-se arranjar. Mas é caro, doutor. É bebida de reis; e mesmo os reis bebem zurrapa e julgam que são bem servidos. Eu sou conhecedor e posso jurar...

Ema entrou na sala. Estava mais alta, a delgada cintura balançava dentro do grande *pullover* de pescador. E os cabelos pretos caíam sobre a grossa lã como um rio de tinta entornada. Ela não deu mostras de o reconhecer.

— É o doutor Carlos. Lembras-te, em Lamego?

— Não me lembro — cortou Ema, com aquela dignidade infantil que cria distâncias e se previne contra os estranhos. Mas recordava-se; achara-o bonito, com dentes certos e brancos, uns dentes de caixeiro. Ela pensava que os caixeiros tinham que sorrir muito e deviam ter dentes assim. O Beto das Escadas, que lhe vendia as *róbias* de Verão, tinha dentes assim. Ema reconhecia as boas famílias pelos dentes acavalados e a deformação congénita, a cor de velho marfim, as serrilhas, o crescimento dos caninos, o atrofiado do siso; quando se começaram a acertar os dentes por um padrão regular não foi mais possível descobrir a nascença, os vícios, as castas, os cruzamentos, as dietas e até os nomes de dinastias inteiras. Ela perguntou para si própria quem era aquele rapaz corpulento demais para a idade, com um bigode chorudo e que a olhava embasbacado.

— Em Lamego? — Ema sorriu tão depressa e tão depressa ficou séria e um pouco desdenhosa, que Carlos Paiva se sentiu escorraçado. Levantou-se e despediu-se.

— É visita de médico e é mesmo. Ema, traz um cálice e umas bolachas.

— Não há bolachas nenhuma.

— Não se incomode — disse Carlos, ferido.

Cardeano foi acompanhá-lo, fê-lo sair pelo portão principal que não se abria quase nunca. Uma varanda envidraçada ocupava toda a frontaria sobre as escadas de pedra, obra mais recente e com mostras de obedecer a uma alta financeira. Um cão pardo, de patas curtas, veio ladrar com uma ferocidade pronta a tornar-se em pânico.